

“Não é Por 20 Centavos” - A Narrativa Transmídia na Cobertura dos Protestos Brasileiros: Das Redes Sociais ao Portal do G1¹

Joceane Gomes dos Santos²

Marcos Nicolau³

Resumo

Os protestos de rua que atingiram o país em junho de 2013 mostraram uma perspectiva diferente das demais ocorridas até então: iniciaram-se nas redes sociais e se estenderam para as ruas. Começou com a organização de um protesto contra o aumento das tarifas nos transportes públicos na cidade de São Paulo, cujo desdobramento desencadeou o apoio e a consequente mobilização de ações que se estenderam pelas capitais brasileiras. A grande mídia, em princípio, não deu a devida importância aos eventos e quando resolveu cobrir as atividades nas ruas, sofreram represálias por parte dos manifestantes, sem compreender de imediato o que ocorria. Partindo desse contexto, o objetivo do presente artigo é fazer uma análise do processo transmidiático dos protestos e de como um dos maiores portais brasileiros de notícias, o G1, tratou a situação.

Palavras-Chave

Jornalismo; Convergência; Transmídia; G1; Redes sociais;

¹ Artigo apresentado no Eixo 2 – Jornalismo, Mídia livre e Arquiteturas da Informação do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura realizado de 20 a 22 de novembro de 2013.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação PPGC/UFPB. Integrante do Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas – Gmid/PPGC. E-mail: joceane.gomes@ig.com.br

³ Professor Pós-Doutor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas – Gmid/PPGC. E-mail: marcosnicolau.ufpb@gmail.com

Introdução

Com o início dos protestos que tomaram as ruas de muitas cidades do país, a postura da imprensa, de modo geral, passou por mudanças, dando mais destaque aos eventos que levaram multidões a saírem em passeatas. O que parecia ser um tema pontual nas primeiras manifestações tornou-se bem mais abrangente, indo muito além da reclamação contra os R\$ 0,20 (vinte centavos) de aumento nas passagens de transportes coletivos da cidade de São Paulo.

O movimento que ficou denominado nas redes sociais como “*O gigante acordou*”⁴, passou a ser o foco principal das mídias tradicionais e mobilizou multidões por meio das redes sociais. Com isso, movimentos como o ‘*Passe Livre*’⁵, e outros que surgiram nas últimas semanas, mostraram que os brasileiros, desde jovens a idosos, passando por executivos engravatados, estavam cansados de aturar a atual situação sócio-política pela qual passa o país.

Em entrevista concedida ao jornal O Globo, no dia 26 de junho de 2013, via Twitter, Lévy⁶ relata que existe uma nova geração de pessoas bem educadas, trabalhadores com conhecimento, usando a internet e que querem que suas vozes sejam ouvidas.

As manifestações foram tomando forma através das redes sociais e a crítica aos meios tradicionais passaram a ser visíveis, ensaiando-se um movimento de hostilidade contra as equipes de conceituadas emissoras de televisão. As pessoas preferiam utilizar os espaços alternativos das redes sociais para informar e mobilizar os demais manifestantes, como fonte mais legítima ou direta de participação.

Dessa forma, começaram a surgir várias narrativas transmidiáticas, tendo como foco principal os protestos que tinham como lema: “*Não é por 20 centavos*”. Os próprios manifestantes ocuparam espaços na internet, como no *Yotube*, lançando

⁴ Expressão utilizada pelos manifestantes nas Redes Sociais. Significa dizer que o povo brasileiro acordou para as necessidades do país.

⁵ Movimento que exige o fim da cobrança de passagem de ônibus para estudantes.

⁶ Entrevista concedida ao jornal O Globo, no dia 26 de junho, via twitter. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/pierre-levy-comenta-os-protestos-no-brasil-uma-consciencia-surgiu-seus-frutos-virao-longo-prazo-8809714> Acesso em: 10/jun/2013.

vídeos explicativos dos principais pontos das reivindicações e reclamações; grupos foram criados no *Facebook* e no *Twitter*, além da colaboração dos participantes nas imagens registradas nas ruas e enviadas aos principais sites de notícias brasileiros. Essa cobertura passou a ser pauta dos telejornais e acabaram por ganhar uma dimensão inesperada.

Recobrando o que vinha sendo constatado na literatura pertinente a respeito de participação e mobilização a partir de redes virtuais de interação, Jenkins (2008), dizia que, os usuários estão querendo participar da cultura de conhecimento online e descobrindo modos de expandir essa compreensão, recorrendo, cada vez mais, à expertise combinada das comunidades alternativas.

Seguindo esse mesmo raciocínio, Doctor (2011, p. 25) explica que a era da internet “concedeu tanto aos leitores quanto aos jornalistas novas e inacreditáveis ferramentas para produzir e distribuir as notícias, bem como para lê-las em qualquer lugar e em todos os lugares, e a partir da maior diversidade de fontes imagináveis”. Fato muito observado durante as manifestações que ocorreram no Brasil, já que as redes sociais foram utilizadas pelos manifestantes para marcar os pontos de concentração dos protestos ou fornecer informações e fotos para os veículos de comunicação do país, uma vez que a rede proporciona uma diversidade de fontes.

O propósito do presente artigo é, apoiado nos estudos sobre convergência e transmídia, analisar o processo de narrativas transmidiáticas articuladas durante as passeatas e protestos de junho deste ano, cujo trânsito entre as redes sociais e as mídias tradicionais foram feitas de maneira inusitada. Isso porque não foram as mídias, desta vez, quem deram o tom das coberturas, mas sim os internautas e os participantes dos protestos. Observamos ainda como as narrativas transmidiáticas manifestam-se em meio ao contexto dos protestos e como as redes sociais têm dado amplo poder de divulgação aos movimentos populares. Para isso, escolhemos o Portal de notícias G1, um dos mais consagrados no país, para verificar essa relação entre as posturas jornalísticas e as ações midiáticas dos participantes.

Cultura da convergência

Seguindo o pensamento de Jenkins (2008, p. 30), ao explicar que a convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser, e sim dentro de cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com os outros, analisamos que a convergência entre a velha e a nova mídia acontece devido a esse fenômeno ante a necessidade dos usuários em saber e discutir a opinião dos outros usuários. Mas, cerca de uma década antes dessas considerações de Jenkins, já encontrávamos em Pierre Lévy respaldo a essas ideias no âmbito da inteligência coletiva:

Nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades. A inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático. Estamos aprendendo a usar esse poder em nossas interações diárias dentro da cultura da convergência. (LEVI, 1999, p. 56).

Nos últimos protestos, foi provada a força da Cultura da Convergência no Brasil, já que o aumento da tarifa de ônibus ganhou destaque na imprensa tradicional e nas redes sociais, tornando-se o principal assunto compartilhado entre os usuários. Além disso, foi observado que as *timelines* das redes sociais foram tomadas por gritos de protesto, assim como as ruas. Enquanto os jornais e revistas expunham os fatos sob um ponto de vista específico e atendendo a uma determinada ideologia, as pessoas começaram a usar as plataformas para expressar suas próprias opiniões. Multiplicaram-se, assim, as visões de mundo e as possibilidades de analisar um mesmo assunto sob diversos ângulos.

Para Jenkins (2008, p. 29), a circulação de conteúdos por meio de diferentes sistemas midiáticos, sistemas administrativos e mídias concorrentes e fronteiras nacionais depende fortemente da participação ativa dos consumidores. Transformação cultural muito observada nas redes sociais durante os protestos que aconteceram pelo Brasil. Os manifestos eram assistidos em televisões, ou até mesmo via internet, e rapidamente difundidos nas mídias digitais. Em várias oportunidades conseguiam atingir o ponto mais elevado de comentários no Brasil e mundo.

Com isso, as mídias digitais se constituem, hoje, como uma necessidade para nós, membros da chamada “sociedade da informação”, definida por Lévy (1999, p. 21)

como sendo a “penetrabilidade das tecnologias de informação na vida diária das pessoas e no funcionamento e transformação da sociedade como um todo”. A definição apresentada aqui por Lèvy (1999) respalda-se com facilidade em nossa vida cotidiana, na qual a necessidade de se incluir digitalmente parece ser cada vez mais irrefutável.

A cada dia que passa, a circulação de conteúdos por meio de diferentes sistemas midiáticos vem se tornando uma realidade vivenciada por todos nós. Existe, então, uma busca nas redes sociais do que acreditamos ser a verdade. Essa credibilidade foi estabelecida depois que os vídeos, fotos e depoimentos contidos nas redes não parecem ser editados e foram feitas por pessoas comuns, transformadas em jornalistas amadores. Além disso, uma imensa quantidade de informação publicada por diferentes usuários corroboravam os fatos ocorridos nas ruas.

Essa viabilidade de ações e atividades públicas já vinham sendo anunciadas por diversos autores. Para Walker (*apud* JENKINS, 2009, p. 293), os novos meios não estão substituindo os velhos, mas sim, transformando-os. Trata-se de um processo vagaroso, mas bastante perceptível: “A velha mídia está se tornando mais rápida, mais transparente, mais interativa – não porque quer, mas porque precisa. A concorrência está apressando o ciclo da notícia, quer se queira acelerá-lo ou não”.

No caso dos protestos realizados no Brasil, podemos observar que os meios tradicionais começaram a utilizar informações divulgadas nas mídias sociais para planejar sua programação. Nesta senda, acreditamos que a cultura da convergência modificou o processo de recepção dos indivíduos, já que antes parávamos para assistir TV, enquanto que hoje passamos a assisti-la, ao mesmo tempo em que falamos ao telefone e pesquisamos na internet.

Diante disso, a informação passa a ser compartilhada entre os usuários, numa via de mão dupla, em que emissor e receptor do conteúdo são pessoas comuns, ao contrário da comunicação estabelecida entre mídia tradicional e espectador. A comunicação nas redes sociais acontece de forma que as pessoas se sentem próximas, diferentemente do distanciamento criado pelos meios tradicionais, por se tratarem de corporações.

Com isso, acreditamos que a convergência não deve ser compreendida somente com um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos e sim uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos.

Jornalismo Transmídia

De acordo com Jenkins (2008), narrativas transmidiáticas são aquelas que ocorrem em diferentes plataformas interligando um produto principal (livro, filme, seriados, história em quadrinhos) as tramas paralelas que expandem a história central, criando um vínculo com o leitor/espectador/ouvinte que o incentiva a garimpar fragmentos da narrativa em diferentes lugares.

A narrativa transmidiática é a arte da criação de um universo. Para viver uma experiência plena num universo ficcional, os consumidores devem assumir papel de caçadores e coletores, perseguindo pedaços da história pelos diferentes canais, comparando suas observações com as de outros fãs, em grupos de discussão on-line, e colaborando para assegurar que todos que investiram tempo e energia tenham uma experiência de entretenimento mais rica (JENKINS, 2008, p. 47).

Nesse caso, o fenômeno das redes sociais na internet trouxe um elemento inteiramente novo na análise dos movimentos, dos protestos e das manifestações populares que aconteceram no Brasil, já que por meio de redes como *Youtube*, *Facebook* e *Twitter*, manifestantes lançaram à semente de revoltas populares que levaram multidões as ruas. E os meios tradicionais, percebendo que a população não estava de acordo com o que eram divulgados por eles, mudaram de opinião, alinhando-se àquela publicada pelos usuários das redes sociais.

O que começou a ser divulgado pelas redes tradicionais passou a ter grande profundidade através das redes sociais de relacionamento, haja vista que o espaço aberto tem surgido como uma alternativa para os meios de comunicação de massa. Os usuários conseguiram disseminar informações sobre os protestos e organizar ações fora do mundo online. A rua tornou-se um grande *Facebook*, onde muitas pessoas,

com cartazes de palavras de ordem, estavam ali somente para serem registradas e compartilhadas como parte do dito momento histórico.

Assim, foi possível acompanhar por diferentes plataformas midiáticas que os protestos que aconteceram no Brasil foram amplamente difundidos, seja por redes sociais, mídias tradicionais, ou o apelo feito boca a boca. A narrativa transmidiática permitiu a troca dos papéis entre produtores e consumidores de mídias, relacionando essa questão ao conceito de inteligência coletiva de Pierre Lévy (2005), em que as inteligências individuais são somadas e compartilhadas por toda a sociedade, potencializadas com o advento de novas tecnologias de comunicação, como a Internet.

Cultura participativa nas notícias jornalísticas

O site G1 é um portal de notícias brasileiro mantido pela Globo.com e sob orientação da Central Globo de Jornalismo. Foi lançado em 18 de setembro de 2006, ano que a Rede Globo fez 41 anos. O portal disponibiliza o conteúdo de jornalismo das diversas empresas das Organizações Globo (Rede Globo, Globo News, Rádios Globo e CBN, Jornais O Globo e Diário de São Paulo, revistas Época e Globo Rural, entre outras), além de reportagens próprias em formato de texto, fotos, áudio e vídeo. O site tem em seu *layout* um espaço destinado ao leitor. Nesse ambiente, as pessoas podem enviar fotos, vídeos e pequenos textos ao editor do portal que, dependendo do fato, pode ou não ser utilizado na página online do site. Durante os protestos que aconteceram em todos os Estados, foi notória a participação do leitor no material vinculado na Web.

Jenkins (2009a, p. 378) utiliza o termo cultura participativa em contraposição a certa passividade atribuída aos espectadores das mídias tradicionais. A cultura participativa é a “cultura em que fãs e outros consumidores são convidados a participar ativamente da criação e da circulação de novos conteúdos”.

Nesse sentido, observamos que a cultura participativa compreende tanto as colaborações feitas pelo público a partir de estratégias promovidas pelas empresas de comunicação, como a seção destinada à colaboração do internauta “Vc no G1”, quanto às ações em que os veículos não têm nenhum controle, como as ações veiculadas nas redes sociais.

No caso da seção “Vc no G1”, o leitor contribui mandando fotos que não foram clicadas pelo foco dos fotógrafos profissionais do site e narram como os fatos ocorreram. Assim, o site consegue produzir a matéria para outros leitores com riqueza de detalhes e imagens que ilustram o que realmente aconteceu, vez que é possível constatar como os cidadãos comuns observaram uma noite de manifestações. Fato exemplificado na figura 1. A pessoa que conseguiu registrar o flagrante fez questão de ceder à imagem ao portal de notícias.

Figura 1 – Foto tirada por leitora do site G1 e que foi utilizada para ilustra a matéria jornalística



Fonte: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/07/lojistas-lamentam-prejuizo-apos-saques-em-fim-de-protesto-no-rio.html>

Com base nessa perspectiva, as redes sociais também se constituem num pilar de produção e distribuição de conteúdos pelos usuários. Em pesquisa realizada pela

Empresa de Crédito Serasa Experian⁷ e veiculada pelo site Valor no dia 08 de julho de 2013, as manifestações que aconteceram no mês de junho de 2013 no Brasil aumentaram em 17 pontos percentuais o tráfego no *Facebook*. A rede social conseguiu 70% de participação dos usuários no dia 13 de julho, dia em que foram registrados vários confrontos policiais. As demais redes sociais obtiveram em junho as seguintes participações no volume de acessos: *YouTube*, 18,2%; *Ask.fm*, 1,8%; *Twitter*, 1,75%; e *Orkut*, 1,73%.

Podemos compreender a dimensão social desses fatos, considerando as constatações de Sibilía (2008, p.34), para quem as novas ferramentas, que apareceram nos anos anteriores e de repente se tornaram tão populares, servem para dois propósitos fundamentais. Em primeiro lugar, elas ajudam a construir o próprio “eu”, ou seja, servem para que cada usuário se autoconstrua na visibilidade das telas. Além disso, são instrumentos úteis para que cada um possa se relacionar com os outros usando os mesmos recursos audiovisuais e interativos.

Dessa modo, acreditamos que a cultura participativa modificou o processo de recepção dos indivíduos, já que antes parávamos para assistir TV, enquanto que hoje passamos a assistir os noticiários televisivos, ao mesmo tempo em que falamos ao telefone e pesquisamos fatos novos na internet. “Queremos estar conectados uns aos outros, um desejo que a televisão, enquanto substituto social, elimina, mas que o uso da mídia social, na verdade, ativa” (SHIRKY, 2011, p. 18). Como já afirmava este autor, as pessoas querem, na verdade, fazer alguma coisa para transformar o mundo em um lugar melhor e o acesso à ferramentas disponíveis e dinâmicas remove a maior parte das barreiras que impediam de se fazer coisas novas.

O novo fazer jornalístico evocado pelo ciberjornalismo, por sua vez, nos permitiu verificar a utilização de páginas pessoais de usuários das redes sociais sendo utilizadas para ilustrar matérias, ou até mesmo para servir como fontes para criação de notícias. Como é o caso exemplificado na figura 2 abaixo. O jornalista utilizou a imagem postada no facebook, bem como as informações que estavam sendo repassadas em tempo real, por meio da própria página.

⁷ Disponível em: <http://www.valor.com.br/empresas/3189542/protostos-elevam-trafego-de-voz-e-dados> Acesso em: 15 de jun. de 2013.

Figura 2 – Utilização de imagens do *facebook* em matérias jornalísticas.

Manifestante é ferido por cinzeiro durante protesto na Zona Sul do Rio

Ruan Martins foi atingido na cabeça em frente ao Copacabana Palace. Cinzeiro teria sido arremessado por convidado da festa de Beatriz Barata.

Do G1 Rio

944 comentários

Tweetar 174

Recomendar 1,9 mil



Pelo menos um manifestante ficou ferido, na madrugada deste domingo (14), durante o protesto realizado na porta do Hotel Copacabana Palace, na Zona Sul do Rio, onde acontecia a festa de casamento de Beatriz Barata, neta do empresário do setor de transportes do **Rio de Janeiro**, Jacob Barata.

Ruan Martins Nascimento, de 24 anos, foi atingido na cabeça por um cinzeiro de vidro, que teria sido arremessado do 2º andar do hotel por um convidado da festa, ainda não identificado. De acordo com a advogada do jovem, Eloisa Samy, com o rosto ensanguentado devido a um corte profundo na testa, Ruan foi socorrido em uma ambulância do Corpo de Bombeiros que estava no local. Em seguida, o jovem – que é dono da empresa Green Go, de roupas feitas

Fonte: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/07/manifestante-e-ferido-por-cinzeiro-durante-protesto-na-zona-sul-do-rio.html>

Jornalismo e redes Sociais

Ao pensar o fazer jornalismo na atualidade, observamos que o projeto de criação de matérias tornou-se um processo muito mais coletivo do que os propagados anos atrás. A relação emissor-receptor passa a adquirir mais possibilidades de participação, visto que o receptor deixa de ser estático passando a colaborar no processo de produção e distribuição de conteúdos.

Essa relação foi bastante observada nas matérias realizadas pelas mídias tradicionais durante as manifestações espalhadas por todo Brasil. As sugestões de pautas surgiam na observação das redes sociais, visto que a todo o momento fatos eram construídos mediante as informações que estavam surgindo nas telas iniciais das redes. Essa situação já vinha sendo constada por autores como Doctor (2011), para

quem, cada vez mais contamos com os conhecidos e colegas, considerando que eles também descubrem as histórias mais estranhas ou mais significativas e as enviem para nós.

Nesta perspectiva, passamos a verificar que a utilização das redes sociais nas redações segue impulsionando a criação de notícias, reportagens e compartilhamentos, por meio das próprias redes. As câmeras dos celulares dos cidadãos tornaram-se poderosas ferramentas na divulgação de abusos por parte de autoridades, bem como na exposição dos acontecimentos em tempo real.

Na contemporaneidade, pensar a comunicação resulta numa ação cada vez mais complexa, visto que se observam mudanças estruturais na base do processo de produção, distribuição e acesso aos conteúdos midiáticos. A relação emissor-receptor experimenta alterações a partir do momento em que as novas tecnologias abrem possibilidades de participação de receptor no processo de produção e distribuição de conteúdos. As relações, até então bastantes rígidas quanto às definições dos lugares de produção e reconhecimento, passam a ser vistas sob a lógica de interação entre essas instâncias. (DALMONTE, 2009, p.11).

A esse respeito, entramos o levantamento de Recuero (2009), que aponta três tipos de relações das redes sociais formadas na Internet com a produção jornalística:

- a) as redes sociais como fontes produtoras de informação;
- b) redes sociais como filtros de informação;
- c) redes sociais como espaços de reverberação dessas informações;

Seguindo essa classificação, verificamos que as redes sociais são uma ferramenta essencial do jornalismo participativo, já que permitem a colaboração do cidadão comum no processo jornalístico, além de oferecerem o poder de compartilhamento de ideias ante a repercussão das matérias veiculadas nos sites. Um exemplo de sugestão de pauta sendo publicado por um manifestante pode ser observado na figura 3. O convite é feito por um membro da rede social *Facebook* a todos os participantes do grupo no qual participa.

Figura 3 – Depoimento retirado das redes sociais



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/268759536597896/?fref=ts>

Verificamos, assim, que o processo transmidiático foi uma constante nessa cadeia de eventos registrados em junho de 2013, exigindo de grandes mídias como o a Rede Globo de Televisão e, principalmente, seu principal portal de notícias, o G1, repensassem suas atuações e reconsiderassem, não apenas a dimensão dos protestos, mas o modo como deveria cobrir e divulgar os fatos.

Considerações finais

As redes sociais são plataformas que estão mudando o modo como nos comunicamos e fazemos as informações serem divulgadas para a sociedade, e isso, de certo modo, pode alterar as estruturas tradicionais de poder. O que antes era considerado verdade absoluta ao ser veiculado nas mídias tradicionais, hoje, pode causar alguma desconfiança nas pessoas que estão ligadas as redes sociais.

Com isso, passamos a ter algumas ressalvas, já que qualquer pessoa pode postar nas redes, embora continue sendo uma função primordial do jornalista a checagem dos fatos, antes que sejam divulgados como verídicos. O novo fazer jornalístico evocado pela cultura participativa, pela união entre as redes sociais e o jornalismo, deve fazer parte da nossa realidade, mas alguns cuidados prévios nunca poderão deixar de existir.

De acordo com Shirky (2011), as redes sociais não são uma alternativa para a vida real, são parte dela. E, sobretudo, tornam-se cada vez mais os instrumentos coordenadores de eventos no mundo físico. Foi o que constamos nos direcionamentos que foram tomados ao longo das manifestações que ocorreram no Brasil, de modo que passamos a verificar que algumas temáticas foram tomando rumos diferentes dos propostos pelas mídias tradicionais.

Como as ferramentas que são disponibilizadas pelas redes sociais são abertas a possibilidade do usuário utilizar as funções para armazenar informações e, quando necessário, utilizá-las, essa prática foi recorrente nos protestos, em que fotos e vídeos eram registrados na rua e posteriormente lançados na rede. Isso exigiu, por parte da grande mídia, um novo padrão estético, que corresponde ao panorama de convergência midiática. As notícias acabam percorrendo diversos suportes e recebendo a contribuição dos receptores por onde passam, servindo a diferentes interesses informacionais.

A cobertura transmídia dos protestos que aconteceram no Brasil e divulgada globalmente, portanto, sinaliza um cenário de reconfiguração do fazer jornalístico, sem que essa reconfiguração possa se caracterizar por uma negação de suas referências paradigmáticas. Pelo contrário, parece enfatizar tais referências no âmbito da convergência de mídias e da conexão dos usuários por intermédio das mídias sociais acopladas ao dispositivo da web.

Referências

DALMONTE, E.F. **Pensar o discurso no webjornalismo: Temporalidade, paratextos e comunidades de experiência.** Bahia: Edufba, 2009.

DOCTOR, K. **Newsnomics.** São Paulo: Cultrix, 2011.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Aleph, 2008.

KELLY, K. **Para onde nos leva a tecnologia.** Porto Alegre: Bookman, 2012.

LÉVY, P. **O que é virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

SANTAELLA, L. **Comunicação & Pesquisa.** São Paulo: Hacker, 2003.

SIBILIA, P. **O Show do eu: a intimidade como espetáculo.** São Paulo: Record, 2008.

SILVA, A. **"Todo Mundo Usa": Facebook como ferramenta de comunicação e entretenimento.** Revista eletrônica temática: Paraíba, ano 9, nº. 06, jun. de 2013. Disponível em http://www.insite.pro.br/2013/Junho/facebook_comunicacao_entretenimento.pdf. Acesso em: 18 Julho de 2013.

SHIRKY, C. **A cultura da participação.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

RECUERO, R. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e jornalismo: Elementos para discussão. In: SOSTER, D. A; FIRMINO, F.(Org.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma.** Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.